

**RIO GUADIANA  
AS CHEIAS, AS SECAS E O TERRAMOTO DE 1755 NOS TERMOS DE  
JUROMENHA E OLIVENÇA  
1200 – 1800**

**GUADIANA RIVER  
FLOODS, DRAUGHTS AND THE 1755 EARTHQUAKE IN THE TERMS OF  
JUROMENHA AND OLIVENÇA  
1200 – 1800**

**João Mimoso Loureiro (\*)**

**RESUMO**

A vasta bibliografia consultada permitiu reunir um conjunto de informação hidrológica histórica que se julga fornecer boas indicações para a investigação e análise da ocorrência de fenómenos naturais extremos cujos registos são temporalmente pouco extensos.

A transcrição de extractos das obras referenciadas, especialmente do notável “Inquérito do Marquês de Pombal” sobre o Terramoto de 1755, das “Memórias Paroquiais” que formam o valioso “Dicionário Geográfico” do Padre Luís Cardoso da Ordem do Oratório (Pereira de Sousa, 1915) bem como da assinalável publicação “Olivença” (Sequeira, 1924) proporcionou-nos um enquadramento histórico e uma ordenação cronológica de uma série de efemérides que constituem este trabalho.

**ABSTRACT**

The vast bibliography consulted enabled to collect a considerable amount of historic hydrologic information that may give important indications for the research and analysis of the occurrence of extreme natural phenomena whose registers are temporally short.

The transcription of extracts of the referenced works, specially of the remarkable "Inquérito do Marquês de Pombal" on the 1755 Earthquake, of the "Memórias Paroquiais" that constitute the precious "Dicionário Geográfico" of Padre Luís Cardoso of the Oratório Order (Pereira de Sousa, 1915) as well as of the outstanding publication "Olivença" (Sequeira, 1924), enabled the historic framing and the chronological ordering of a lot of events that constitute this work.

Palavras-chave: História, Cheias, Secas, Sismos

---

(\*) Hidrologista, ex-Director dos Serviços de Hidrologia da Direcção-Geral dos Recursos Naturais - Portugal

**RIO GUADIANA**  
**AS CHEIAS, AS SECAS E O TERRAMOTO DE 1755 NOS TERMOS DE**  
**JUROMENHA E OLIVENÇA**  
**1200 - 1800**

620 - Eruditos espanhóis do Paleoclima assinalam umas grandes cheias no Rio Guadiana.

1278 - *Em 1278, um pastor de nome Domingos, que tinha pactuado com o Diabo, e que depois de morrer voltara à vida para cumprir as ordens do Porco-sujo que lhe comprara a alma, conseguiu, por prodígio infernal, expulsar de todas as casas de Elvas a multidão de percevejos que lá se anichava. E sabem onde os enviou o poder diabólico de São Maquinete? Para uma ribeira, onde morreram todos afogados, tal como os gafanhotos no Guadiana em 1756. Por memória, diz o crendeiro Aires Varela, ficou-se chamando ao córrego de água a ribeira de Chinchas, castelhana tradução do percevejo indígena.*  
(Sequeira 1924)

1298 - É concedido o Foral a Olivença, por D. Diniz no dia 4 de Janeiro.

1312 - D. Diniz concede o primeiro Foral a Juromenha.

1376 - Estio prolongado no Além-Tejo e Odiana.

*“pela razão do caso furtuito da seca que Deus deu pela qual o dito pão se perdeu.”*

(S. Hidráulicos, 1965)

1382 - Ano de seca no Além-Tejo.

*“os bois de arado se perdiam por fome e isto por grande seca que Deus prasia ser....”*

(S. Hidráulicos, 1965)

1492 - Carta Régia de Foral dada a Juromenha por D. João II em Vila Viçosa no dia 28 de Agosto.



**Figura 1 – Freguesias do Termo de Juromenha (★) e do Termo de Olivença (\*)  
LOCALIZAÇÃO**

- 1510 - No dia 1 de Junho, D. Manuel I concede novo Foral a Olivença, e em um dos seus capítulos estabeleceu os direitos e os deveres que Elvas e Olivença têm sobre a barca para a travessia de pessoas e mercadorias entre as duas margens do Rio Guadiana. (Juromenha - Vila Real).
- 1510 - É ordenada por D. Manuel I, no dia 19 de Dezembro a construção de uma ponte sobre o Rio Guadiana no local da Ajuda.

*“Situa-se a duas léguas de Olivença, para poente, no local chamado de Nossa Senhora da Ajuda.*

*A meio da ponte, que tem dezanove arcos, sete dos quais se acham desmoronados, erguia-se uma senhorial torre de três sobrados com aposentos guarnecidos de janelas.*

*A torre assentava em grandes penedos a meio do rio cujas fortíssimas raízes, ainda hoje se admiram.*

*A ponte enferrou desde a sua origem, de ser muito baixa, o que provocou constantes galgamentos.*

*Media 453 metros de comprimento, 5 metros de largura e 19,8 metros de altura acima do leito do rio.”*

(Sequeira, 1924)



**Figura 2 - Ponte da Ajuda - Vista de Jusante**

- 1512 - D. Manuel I dá novo Foral - Leitura Nova - a Juromenha em Lisboa no dia 15 de Setembro.
- 1515 - Secas terríveis na região de Elvas e Badajoz.
- 1521 - *“Foi origem deste mal não acudir o céu com água em todo o ano de 1521 ... nem no Além-Tejo, e Odiana, chegaram as searas a formar espiga. Em ervas secaram e se perderam todas.”*  
(S. Hidráulicos, 1965)
- 1545 - Grande cheia do Rio Guadiana com destruição de três arcos da ponte de Badajoz.
- 1597 - Os temporais e as cheias, engrossando extraordinariamente as águas do Guadiana, ocasionaram o desabamento de alguns arcos centrais da ponte da Ajuda.
- 1602 - Cheias no Rio Guadiana. Ruínas e danos nas casas de Badajoz.
- 1613 - *A imagem de São Bento que se venera na Igreja de São Bento da Contenta, menciona o Padre Jerónimo de Belém, fazia milagres a racionais e irracionais. Era numeroso o concurso deromeiros e devotos, e até os duques de Bragança lá foram impetrar não sei que milagre ao patriarca beneditino. Em 1613, ano de grande seca, fizeram os de Olivença uma devota procissão a São Bento, ad petendam pluviam.*  
(Sequeira 1924)
- 1641 - *Invernos rigorosos, obrigaram por diversas vezes a reparação da ponte da Ajuda. Em 1641 o general D. João da Costa, mandou-lhe vasar dois arcos e pôs-lhe duas pontes levadiças a substituí-los.*  
(Sequeira 1924)
- 1654 - Secou o Rio Guadiana. Seca generalizada na Estremadura espanhola e no Além-Tejo e Odiana.

1683 - Um dos anos mais secos que se conhecem em Elvas e Badajoz. Procissões e preces para chover dirigidas a Nossa Senhora de Bótoa.

1726 - *Numa das Capelas do Convento de S. Francisco (1500), está a devotíssima imagem do senhor dos Passos do Bom-fim, outrora muito procurada pelos da vila nas épocas de estiagem. Quando a chuva entrava a escassear, levava-se a imagem em procissão até São João de Deus, e lá se deixava estar nove dias, que tantos eram os que se demorava em São Francisco a imagem de Nossa Senhora do Carmo, que vinha também processionalmente de São João de Deus até aqui. Nunca falhou a receita. Por mais azul que o céu estivesse, no fim da novena a chuva era certa. Se a meio do período de espera se receava o bom tempo, trocavam-se igualmente, entre os dois conventos, as imagens de São Francisco e de São João de Deus. Em 1726 como a contradança das procissões excedesse a habitual, a estiagem transformou-se num temporal de chuvas e de inundações.*

(Sequeira 1924)

1750 - *No Convento de S. Francisco (1500) outra imagem, a de Santa Margarida de Cortona, também advogada contra a estiagem, que adornava uma capela, tanto em 1750 como em 1752 fez o milagre de matar a sede da terra, levada em procissão daqui para a Matriz.*

(Sequeira 1924)

1755 - Terramoto no dia 1 de Novembro.

1756 - Em consequência do terramoto de 1 de Novembro de 1755 ordena o Marquês de Pombal no dia 20 de Janeiro a realização de um inquérito em todos os bispados do reino, com a finalidade de se inteirar dos danos causados pelo grande sismo.

As respostas ao “Inquérito do Marquês de Pombal” incluídas no trabalho o “Megasismo do 1º de Novembro de 1755 em Portugal (Pereira de Sousa, 1915) no que diz respeito ao seu ponto sétimo:

*“Se abriu a terra algumas bocas, o que nelas se notou e se rebentou alguma fonte de novo. Que providências se deram imediatamente em cada lugar pelo eclesiástico, pelos militares e pelos ministros.”*

(F. Oliveira, 2003)

transcrevem-se de seguida:

## TERMO DE JUROMENHA



Figura 3 - Castelo de Juromenha – Vista Norte (Duarte Darmas, 1509)

- **Freguesia de N. S<sup>a</sup> do Loreto**

*“..... Nas fontes e ryos, se não conheceo, nem percebeu altaraçam alguma.”*

(24 de Fevereiro de 1756 – Gaspar Mendes Rag<sup>o</sup>)

- **Freguesia de São Brás dos Matos**

*“Ex vi do terramoto se secarão na minha freguesia algumas agoas e outras lançarão agoa com mais abundância saindo a côr das mesmas agoas como almesgadas durando isto por espaço de três dias.*

.....  
.....  
*Em os lemites da minha freguesia de S. Brás no porto do arieyro; e junto do monte da perdigoa e em outras partes do mesmo rio onde corre com impintuozza corrente se virão as agoas suspenças e tremullas suspendendo o seu curço; e logo se virão tão impoladas e crecidas que alargarão fora do seu lemite mais de quinze braças tão arebatadamente com a sua corrente que a não estarem algumas pessoas mais distantes, que avisarão outras que se achavão junto do mesmo precerião sem remedia o que succedeo junto do monte da perdigoa.*

.....  
.....

*No tempo do Reynado do Sr. Rey D. Manoel ouve outro terremoto tão grande que subirão as agoas do rio Tejo tão altas que separandoce da sua corrente ficou a mesmo descuberta.”*

(28 de Março de 1756. O Parroco, Fr. Manoel Dias Rebello)

## TERMO DE OLIVENÇA

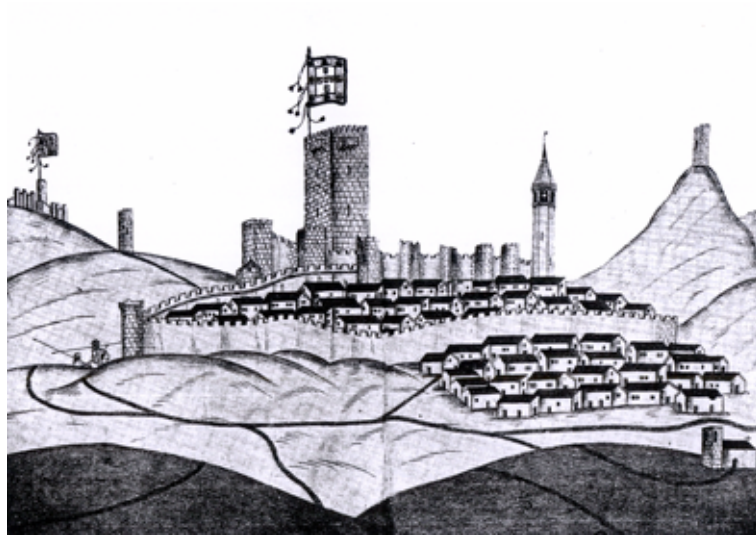


Figura 4 - Castelo de Olivença – Vista Norte (Duarte Darmas, 1509)

- **Freguesia de Vila Real**

*“ 7º Em toda esta freguesia senam devisou que a terra abrice boca nem rebentace fonte de novo senam na Erdade do Monte da Vinha onde me seguram algumas pessoas desta freguesia e fora della que hera serto que junto á fonte pella parte de sima vira hum homem que hia tirar agoa da dita fonte e que vira no tempo do terramoto abrir huma boca e que lansara agoa bastante mas que tornara a unir a terra e que algumas pessoas virão inda bastante agoa junto ao mesmo lugar sem que seja da nativa da mesma fonte.*

(O Cura Francisco Dias Mendes)

- **Freguesia de Santa Maria Madalena**

*“Tem esta Parochia freguezia também no campo. E nesta vou falando. No sitio de Arvellos, ha uma quinta que antigamente foi do Padre Manuel de Matos Corda, e hoje a possui eu, que tinha uma fonte tam abundante de agua, que com a corrente cauzava admiração a quem a via: mas com o susto parou ou por admirada do não uzado estillo da terra, ou por temerosa. E dahi*

*a poucos dias se sepointou: ou por emvergonhada da falta dos cabedaes de que a natureza liberalmente a tinha dotado ou para não ser testemunha de tanto excesso.”*

.....  
.....  
*“Em a herdade que chamão Bufoas de sima se secou a fonte que dava agoa ao monte ficando tão somente o emcaliçado da mesma para dar hum testemunho de que foi.”*

(30 de Março de 1756 – O Reitor, João Lopes Barroca)

- **Freguesia de Santa Maria do Castelo**
- **Freguesia de S. Jorge de Olor**
- **Freguesia de S. Domingos**

*“ Nada padeceo ruína no celebre terramoto de 1755. »*

(8 Abril de 1756 – O Reitor, João Lopes Barroca)

- **Freguesia de S. Bento da Contenda**

*“E só a fonte chamada das mullatas se vio excessivamente alterada ficando a agoa da cor de leite e a fonte chamada das Pinttas experimentou o mesmo; e a fonte chamada dos Arefez totalmente se secou, sendo tão abundante de Agoas que regava huma Orta que na mesma Freguezia chamada tâobem a Orta dos Arifez, em que a qual se achão quatro tanques que a todos a fonte dava Agoa em abundância.”*

(28 de Fevereiro de 1756, O Cura, Mathias dos Santos)

- **Freguesia de N. S<sup>a</sup> da Assunção da Talega**

*“ Não consta que a terra não abrio bocas; somente que a hum sitio chamado = Val de Gameiro, = nesta coitada junto a esta Aldeya com o abalo do Terramoto; rebentou agoa; que havia annos; estava coberta de areas, e que em huma herdade desta Freguezia chamada = Vila Velha = robentou em hum baixo agoa; que hainda corre; e não há memoria nos homens que ouvesse em tempo algum tal agoa.*

(26 de Fevereiro de 1756, O Cura, João de Spinha Cordeiro)



1756 - *“Ha um folheto intitulado “Relaçam de hum caso notável, espantoso e horrível. Novamente succedido em a Provincia do Alem-Tejo em 11 de Julho de 1756, nas praças de Elvas, e Olivença, e logares circumvizinhos”, publicado nesse mesmo ano em Lisboa, onde se refere um tremendo temporal com trovões, raios e inundações que passou às onze horas da noite sobre essa região, assolando os campos, matando os gados, destruindo casas, e fazendo andar as imagens milagrosas em bolandas de igreja para igreja. Além da tempestade, outro cataclismo sucedeu, não menor, que foi a chegada, pouco depois, de uma praga de gafanhotos que pôs negras, daquela bicharia, as searas, olivais e montados. Matavam-se por dia mil e quinhentos alqueiras de gafanhotos, mas se não é o auxílio de São João de Deus, que os afogou no Guadiana, não sei o que seria dos oliventinos.”*

.....  
.....  
*“São João de Deus foi escolhido para advogado contra os gafanhotos, por meio de loteria, pelos devotos de Elvas. Fizeram-se sortes com os nomes dos Santos Elvenses e foi São João de Deus quem saiu eleito.”*

(Sequeira 1924)

1758 - A 6 de Janeiro as águas do Guadiana destruíram casas na parte baixa de Badajoz.

1792 - Seca prolongada com grandes prejuízos nas culturas. A escassez de produtos

1795 levou à importação de cereais e batatas. Procissões e preces generalizadas em todas as freguesias da região da diocese de Elvas.

O culto relacionado com as águas, especialmente como remédio contra as secas é uma tradição e costume muito expandido. Em todos os lugares se realizavam e se realizam procissões e orações *ad pentendam pluviam*.

Como exemplo destas manifestações, transcreve-se, com a cortesia da Asociacion para el Desarrollo Rural de la Comarca de Olivenza – ADERCO partes das referências a N. Sra. dos Santos (Taliga) e à Virgem da Encarnação (Valverde de Leganés) constantes na publicação “Leyendas, Milagros y Tradiciones de la Comarca de Olivenza”.

#### **Ntra. Sra. de los Santos (Táliga)**

*“Se cuenta que la imagen auténtica de Ntra. Sra. de los Santos se la llevaron los portugueses en tiempos de guerra.*

*La actual imagen, dicen, es copia de la original. Y a ella se acudía en rogativa a pedir agua en tiempos de sequía, sacando a la Virgen en procesión.”*

Fuente oral.

Narrador: Pablo Bonilla Pinilla

### **La Virgen de la Encarnación (Valverde de Leganés)**

*“Hace mucho tiempo, en unos años de mucha sequía, el pueblo pidió al párroco que sacase a la Virgen de la Encarnación, Patrona de Valverde, en procesión para rogarle que lloviera. El cura accedió y se llevó a la Virgen en procesión hasta el Convento de la Madre de Dios y cuando venían de vuelta cantando las rogativas que llevaban preparadas para el trayecto, comenzó a llover causando un gran júbilo entre los asistentes que cambiaron las rogativas por canciones de agradecimiento y afianzaron más su fe desde ese momento.*

*Desde entonces, cuando hay escasez de lluvia, se realiza la procesión desde la iglesia hasta el convento, donde se moja el manto de la Virgen en un pilón y se ruega que vuelva la lluvia”.*

Fuente oral.

Narrador: Juan de Dios Santos Vicente

1876 - Cheia histórica na noite de 6 para 7 de Dezembro. Não há memória de maior no Rio Guadiana.

*Em Badajoz, telegrama expedido pelo alcaide para o seu ministro em Madrid, a propósito da cheia medonha que inundou toda a cidade, dizia:*

***“El Guadiana se fué: há llegado el oceano”.***

(Sequeira 1924)

### **Agradecimentos**

À Sociedade de Geografia de Lisboa, à Câmara Municipal de Alandroal e à Asociación para el Desarrollo Rural de la Comarca de Olivenza – ADERCO agradeço a valiosa informação e o apoio que gentilmente me concederam.

Lisboa 2003

## BIBLIOGRAFIA

1. ABRANTES, L. V., 1946, Cronologia histórica e bibliográfica da Vila de Olivença . Boletim nº 5 e 6 – Série 64ª. Sociedade de Geografia. Lisboa.
2. ALMEIDA, J., 1943, Reprodução anotada do livro das fortalezas de Duarte Darmas (1509). Lisboa.
3. ÁLVARO RUBIO, J. e PÉREZ GUDEJO, J., 1999, Leyendas, Milagros e Tradiciones de la Comarca de Olivenza, ADERCO, Olivenza.
4. BENTABOL, HORÁCIO, 1900, Las águas de España y Portugal, Madrid.
5. CORREIA DE OLIVEIRA, F., 2003, Pombal e o Tempo Laico Português, História, Cronos, Lisboa.
6. COUCHOUD, RAFAEL, 1965, Hidrologia Histórica del Segura, Madrid.
7. ESPANCA, T., 1978, Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Évora - Concelho de Alandroal, Lisboa.
8. FONTANA TARRATS, J. M., s/d, Quince Siglos de Clima Andaluz (Inédito).
9. GALEGO, J., 1988, Olivença - Olivenza. Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.
10. HISTÓRIA DE PORTUGAL, 1934, Edição Barcelos – Volume VI, Barcelos.
11. LOUREIRO, J. M., 1985, Cheias e secas no Rio Guadiana. Revista “ Recursos Hídricos “. Vol. 6 – nº 1, Lisboa.
12. LOUREIRO, J. M., 2000, Efemérides Hidrológicas. Cheias e Secas Históricas em Portugal. 1100 – 1900. Boletim nº 1.16-Série 118ª. Sociedade de Geografia. Lisboa.
13. MARTÍNEZ, FELIPE M., 1996, Presentación “Curso sobre Métodos para el Cálculo Hidrológico de Crecidas”, CEDEX - Madrid.
14. PIMENTA, A., 1944, Duarte Darmas e o seu livro das fortalezas (1509). Lisboa.
15. PINHO LEAL, A., 1874, Portugal Antigo e Moderno, - Dicionário Geographico, Estatístico, Chronographico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico, Editora Mattos Moreira, Lisboa.
16. RAPOSO, RASQUILHO, 1994, História da Rega em Portugal, INAG, Lisboa.
17. RICON GIMENEZ, J., 1917, Memorial Oliventino. Notícias históricas. Volume Primeiro. Badajoz.

18. SEQUEIRA, M. e JUNIOR, R., 1924, Olivença. Lisboa
19. SERRÃO, J., 1971, Dicionário de História de Portugal. Livraria Figueirinhas, Porto.
20. SERVIÇOS HIDRÁULICOS, 1965, Plano de Valorização do Alentejo, Ministério das Obras Públicas, Lisboa.
21. SOUSA, F. L., 1915, O Megasismo do 1º de Novembro de 1755 em Portugal. Revista de Obras Públicas e Minas. Tomo XVII, Nºs. 547 a 552. Lisboa.
22. VALLECILLO, M. A., 1999, Olivenza en su história. Madrid.